

Onde estão meus avos: A nova dinâmica do envelhecimento

Bruna Goncalves da Silva
Raphael de Moraes Dantas
Deyglis Fragoso de Lima

INTRODUÇÃO

A configuração atual do que é velhice vem sendo trabalhada de forma individual para o social, a imagem que o velho não é mais um objeto dentro de uma casa e que não é necessariamente um peso e sim um cúmplice, um braço dentro da casa, tudo pode ser observado através das novas formas de organizar a velhice no campo social, temas como envelhecimento ativo e sexualidade no envelhecimento, vem reorganizando a cabeça de muitos idosos que buscam alternativas para suas velhice e para os jovens que buscam realizar formas de trazer o idoso a se movimentar e buscar para si, um noção de pertencimento.

Na busca para entender sobre a questão do envelhecimento é possível realizar traços de um acúmulo de culturas e vivências individuais e coletivas que rebatem no acúmulo de significados e na representação da identidade deste ser ou grupo, Mascaro(2004) fala do receio do envelhecimento e das perdas naturais de suas limitações, isso faz com que crie para este indivíduo um sentimento de angústia e sofrimento que por muitas vezes fica dentro de um imaginário de estereótipos e preconceitos que limita o processo do envelhecer, neste movimento de rito de passagem.

Aqui onde se tenta responder a questão de onde estão estes idosos? Como buscar ou compreender o papel dele nesta nova organização familiar e social? A busca pelo envelhecimento ativo deve ser compreendida como um processo de otimização das oportunidades de saúde, participação e segurança, com o objetivo de melhorar a qualidade de vida à medida que as pessoas ficam mais velhas... A palavra “ativo” refere-se à participação contínua nas questões sociais, econômicas, culturais, espirituais e civis, e não somente à capacidade de estar fisicamente ativo ou de fazer parte da força de trabalho. (World Health Organization, 2005).

A máxima do envelhecer atual e a noção de ser sujeito em uma sociedade que não permite o envelhecer, porque este é visto por um social ou por uma noção popularmente difundida de acordo com Peixoto (2006), a noção de velho é fortemente associada à decadência, muitas vezes se confundindo com a incapacidade; o que em nossa sociedade não faz sentido, e preciso mudar esta construção social, pois do contrário voltamos a ideia de velho no canto da sala na sua cadeira de balanço, quando diariamente estes ocupam de forma plena os espaços urbanos em suas diversas formas de manifestação.

¹ Graduando do Curso de Serviço Social do Centro Universitário Joaquim Nabuco - PE, phael_pan@hotmail.com;

² Graduanda do Curso de Serviço Social do Centro Universitário Joaquim Nabuco - PE, brunagoncalves0305@gmail.com ;

³ Professor orientador: Doutorando em Desenvolvimento Urbano pela UFPE, Professor pelo Centro Universitário Joaquim Nabuco – PE, deyglis.fragoso@gmail.com.

METODOLOGIA

O presente projeto tem como metodologia uma revisão bibliográfica, e se manifesta a partir da nossa imersão no campo de estágio, para Gil (2007, p. 44), os exemplos mais característicos desse tipo de pesquisa são sobre investigações sobre ideologias ou aquelas que se propõem à análise das diversas posições acerca de um problema.

O levantamento bibliográfico surge de diálogos com idosas sobre o papel de suas famílias, no que tange o cuidado, foram utilizados livros e artigos sobre as temáticas, e antes mesmo deste material ser escrito, foi levado as idosas uma proposta de roda de diálogo sobre os conceitos aqui trabalhado como os de identidade, grupo familiar e espaço e partir desta construção temos este artigo.

DESENVOLVIMENTO

Do envelhecer a construção do ser social

A abordagem do envelhecimento ativo funda-se no reconhecimento dos direitos humanos das pessoas mais velhas e nos princípios de independência, participação, dignidade, assistência e auto realização estabelecidos pela Organização das Nações Unidas. O novo lugar social ocupado pelos idosos, que lhes permitiu novas experiências, contribuiu para a modificação da construção social deste grupo que, de alguma maneira, se dissocia levemente das representações de outros grupos sociais.

Nesta perspectiva de noções de envelhecimento ativo e de trocas de conhecimento entre grupo social, a compreensão de saber a forma com que estes idosos vêm demonstrando mudanças de comportamento, em diversos âmbitos, especialmente em sua independência, frente às diversas mudanças sociais que de alguma maneira, permitiram a elas ocuparem um lugar diferente na sociedade.

A construção do processo de identidade emerge do entrelaçamento do sujeito e da sociedade, nas palavras de Berger & Luckmann (1976), Os processos sociais envolvidos na manutenção da identidade são determinados pela estrutura social; os autores tratam a questão da identidade como um fenômeno, cujo a característica principal foca-se na construção do sujeito na figura central e nas quais as representações desta identidade ganha desdobramentos devido ao seu contexto social, incluído aqui as diversas formas de sociedade para um único ser.

A imagem velhice é incerta, confusa, contraditória. Importa observar que, através dos diversos testemunhos, a palavra “velhice” tem dois sentidos diferentes. É uma certa categoria social, mais ou menos valorizada segundo as circunstâncias. É, para cada indivíduo, um destino singular – o seu próprio. O primeiro ponto de vista é o dos legisladores, dos moralistas; o segundo, o dos poetas; quase sempre, eles se opõem radicalmente um ao outro. (Beauvoir, 1990: 109).

Para Dubar (1997) compreende a identidade como resultado do processo de socialização, que abrange o cruzamento dos processos relacionais e biográficos; os processos relacionais aqui podem ser compreendidos como a relação entre sujeitos e a percepção do

outro sobre você e o biográfico fala do conceito amplo referente ao conjunto de habilidades, história e concepção do sujeito.

Dentro deste campo a identidade pode ser tomado por diversas áreas de estudos, neste aqui apresento a identidade com um foco no estudo para área social relacionado as estruturas de grupo, pois a identidade social de um indivíduo se caracteriza pelo conjunto de suas vinculações em um sistema social: vinculado a uma classe sexual, a uma classe de idade, a uma classe social, a uma nação, etc. A identidade permite que o indivíduo se localize em um sistema social e seja localizado socialmente. (CUCHE, 1999), o seguimento da ideia de Cucho pode ser estendido a Ciampa (1987) que entende identidade como metamorfose, ou seja, em constante transformação, sendo o resultado provisório da intersecção entre a história da pessoa, seu contexto histórico e social.

E possível notar que houve uma mudança no comportamento do ato de envelhecer, para Neri (2005) A velhice é a última fase do ciclo vital e é determinada por eventos de natureza múltipla, incluindo por exemplo perdas psicomotoras, afastamento social, restrição em papéis sociais e especialização cognitiva. À medida que o ciclo vital humano se alonga, a velhice passa a comportar subdivisões que atendem a necessidades organizacionais da ciência e da vida social.

Alguns termos fazem parte do vocábulo do envelhecimento ativo, autonomia, independência, qualidade de vida e expectativa de vida saudável; palavras estas que buscam da corpo ao um estado de atividade e comprometimento com a própria vida deste que venha ser o novo ser construído a partir de um panorama, que busca mensurar o que e esperado para esta velhice, responsabilidade dos mais velhos no exercício de sua participação nos processos políticos e em outros aspectos da vida em comunidade.

Do ser construído ao seu lugar em família

A partir do senso comum e possível identificar como e dado a construção da velhice no social, Areosa (2008) vem dizer que a sociedade rotula a velhice como uma forma de estagnação, ironizando-a em suas atividades amorosas, sexuais, físicas e sociais. Por outro lado, exige atitudes tais como: serenidade, tranquilidade e passividade, vestuário sóbrio, decência de maneiras e respeito pelas aparências.

Diante destes campo de social e possível também realizar a seguinte leitura que para a família, o idoso é tratado, em muitos casos, como um mero objeto incômodo e inútil, diante desta imagem o mobilização para as modificações de levar a vida para um novo patamar, se torna complicado, pois a família neste contexto faz-se o conceito realizado por Zimerman (1993) O conceito de grupo familiar vai muito além de um simples somatório de pessoas, com características próprias de cada um separadamente. A família se constitui em um campo dinâmico, no qual agem tanto os fatores conscientes como os inconscientes.

Para Zimerman (2000), quando envelhecemos vemos a família se alterando, em especial o lugar de cada membro dentro dela. Para a pessoa idosa, a família passa a ser os filhos, netos, bisnetos e outros parentes, de idade inferior à dele e, muitas vezes, a relação de dependência se torna diferente. Segundo Neri (1993), a família é a principal fonte de cuidados para o idoso, mas por causa da modernização as relações familiares estão mudando.

Nesta busca de papel onde antes o idoso e parte, passa a ser agregado, se faz comum a perda de identidade buscar neste sujeito, um novo papel onde ele ainda seja parte de algo, faz com que a dinâmica do envelhece tome outra proporção e outra razão de ser.

Hoje diante das mudanças relativas ao espaço social que a velhice ocupa e possível verificar que existem alterações do comportamento humano, segundo Osório e Valle (2002). Mencionam que entre as circunstâncias geradoras de mudanças que vêm ocorrendo no contexto familiar dos nossos dias, estão: a mudança de paradigma na sexualidade humana, o movimento feminista, o reconhecimento dos direitos da criança e do adolescente, a aceitação do homossexualismo, a insatisfação nas relações matrimoniais, o aumento da expectativa de vida, a mudança nos valores da sociedade, a cultura consumista, os avanços tecnológicos e, por fim, o progresso dos meios de comunicação de massa.

Diante destas novas modificações social o ser idoso de ontem, já não pode ser o ser o idoso de hoje, passo importante do reconhecimento do envelhecimento ativo acontece na adaptação deste diante do seu próprio papel de auto reconhecer o seu lugar de pertencimento, aqui se faz necessário o entendimento que

“É relevante notar que a adaptação e o enfrentamento de uma determinada situação desafiadora dependem, em parte, de um autojulgamento positivo, que incluem o indivíduo sentir-se autônomo, capaz de se relacionar bem com outras pessoas e, de reconhecer suas próprias limitações, para assim poder conviver da melhor maneira possível com elas” (RABELO e NERI, 2005, p. 403).

O que merece ser diferenciado aqui e o que vem a ser limitação e o que vem ser o reconhecimento do lugar dessa velhice para o idoso, pois as limitações não podem ser causadoras de distanciamento entre o sujeito e a realidade a qual este vive, e sim motivo para ser realizado o papel de reconhecer que houve modificação que aquele espaço foi modificado e que talvez se faça necessário realizar ajustes possíveis para viver neste realidade apresentada, com quem sabe algumas mudanças operativas o ser social, para que seja possível o ajustamento sem a mudança do seu ser.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A noção de que a velhice e para o social trabalhada de diferente dependendo das realidades possíveis, os autores Rozendo e Justo(2011) vão dialogar da seguinte forma a velhice não segue, religiosamente, os mandamentos do mercado, preferindo ainda, um ritmo cadenciado de consumo. Foge dos padrões estéticos da sociedade contemporânea, que cultua o corpo jovial e disciplinado, privilegiando outros estímulos e sensações relativos à corporeidade.

Conforme Harvey (1998), “o espaço e o tempo são categorias básicas da existência humana”. E continua dizendo “e, no entanto, raramente discutimos o seu sentido; tendemos a tê-los por certos e lhes damos atribuições do senso comum ou autoevidentes. (p.187)”, isso nos traz ao caminho desta velhice e o seu lugar neste espaço atual onde a produção de “refugio humano”, ou mais propriamente, de seres humanos refugados (os “excessivos” e “redundantes”, ou seja, os que não puderam ou não quiseram ser reconhecidos ou obter permissão para ficar), é um produto inevitável da modernização. E um acompanhante inseparável da modernidade (Bauman, 2005: 12).

Assim desenhando uma velhice duplamente carregada de aberturas por diálogos onde possamos dar espaço para fala destes idosos e um outro local que são onde estes espaços aconteceram visto que a modernidade não acompanhar os ritmos das famílias que estão subjogadas ao mercado e aos seus próprios fatores de modernidade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como um possível fechamento deixamos mais espaços do que conclusões em si, pois tratar de questões como espaço, pertencimento, autonomia e identidade, antes de tudo e preciso lembrar e afirmar que estas foram fundantes na nossa realidade e que a abertura de diálogos com as idosas apenas foi abertura para convidar suas famílias e ao demais que estão lendo este artigo a pensar o envelhecimento do outro, mas também seu próprio processo de envelhecer.

Desta forma, reforçamos a importância de atentar-mos para as temáticas que envolvam o envelhecimento e seus desdobramentos, tal qual suas políticas, através de uma leitura geral em todos os aspectos do campo social. Visando fortalecer a ideia de pertencimento da população idosa em campos importantes da nossa sociedade, exercendo papéis e ocupando espaços que não sejam ditados pelo preconceito.

Assim, a análise proposta no presente artigo, busca respostas no que tange a compreensão dos papéis sociais que a população idosa é submetida a exercer, ditadas pela sociedade e os novos desdobramentos do envelhecimento ativo. Por fim, a criação deste artigo é uma tentativa também de construir diálogos sobre a importância de tratar as questões do envelhecimento no campo social levando em conta a autonomia dentro do seu espaço social e buscar mais reflexões a cerca da temática.

Palavras-chave: Envelhecimento, Autonomia, Espaço Social.

REFERÊNCIAS

BEAUVOIR, S.de. (1990). **A velhice**. Tradução de Maria Helena Franco. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.

BRUSCHINI, Cristina. Teoria crítica da família. In: AZEVEDO, Maria Amélia; GUERRA, Viviane, orgs. **Infância e violência doméstica: fronteiras do conhecimento**. 3.ed.São Paulo: Cortez,2000. Pt 1:teorias críticas:família e violência contra crianças e adolescentes; item c :p.49-79

Envelhecimento ativo: uma política de saúde / World Health Organization; tradução Suzana Gontijo. – Brasília: Organização Pan-Americana da Saúde, 2005.

MASCARO, S.de A. (2004). **O que é velhice**. São Paulo: Brasiliense.

NERI, A. L. (Org.) **Palavras-chave em Gerontologia**. Campinas: Editora Alínea, 2005

_____(Org.). **Qualidade de vida e idade madura**. Campinas, São Paulo: Ed. Papyrus, 1993.

ROZENDO, Adriano da Silva; Justo, José Sterza **.Velhice e Terceira Idade: tempo, espaço e subjetividade**.Revista Kairós Gerontologia, 14(2), ISSN 2176-901X, São Paulo, junho 2011: 143-159

ZIMERMAN, Guite L. **Velhice: aspectos biopsicosociais**. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 2000

AREOSA, Silvia Virginia Coutinho. **Envelhecimento, contexto social e relações familiares : o idoso, de assistido a provedor da família**; orientadora, Leonia Capaverde Bulla. Tese (Doutorado) – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, 2008.

RABELO, Dóris Firmin; NERI, Anita Liberalesso. **Recursos psicológicos e ajustamento pessoal frente a incapacidade funcional na velhice.** Psicologia em Estudo, v.10; nº 3, p. 403-412, 2005.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa.** 4. ed. São Paulo: Atlas, 2007